



A PRODUÇÃO E COMPARTILHAMENTO DE SABERES PELAS RAIZEIRAS E RAIZEIROS NO QUILOMBO DE MATA CAVALO -MT

GT 16: TRABALHO E EDUCAÇÃO

Trabalho completo

Lucimberg Camargo DIAS (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

lucimberg.camargo@gmail.com

Edson CAETANO (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

caetanoedson@hotmail.com

Resumo

Este estudo se insere nas pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEpte), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso e discute a produção e o compartilhamento de saberes por raizeiras e raizeiros no Quilombo de Mata Cavalo. Os saberes das raizeiras e raizeiros são aprendidas em um processo que envolve a observação e a prática. Saberes que não são estáticos, nem uma mera reprodução do lhes foi ensinado por seus ancestrais, são criados e recriados a partir da produção de remédios, por meio do intercâmbio com a natureza.

Palavras-chave: Raizeira e Raizeiro. Produção de Saberes. Quilombo de Mata Cavalo.

1 Introdução

Este estudo discute a produção de saberes por raizeiras e raizeiros, e se insere nas pesquisas realizadas Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEpte), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), que demonstram que os povos e comunidades tradicionais constituem suas existências e suas práticas cotidianas por meio de saberes que são ancestrais. Dentre eles, destacamos os saberes sobre as plantas e ervas medicinais que são usados nos cuidados com a saúde, a partir de um vasto repertório de saberes sobre raízes, folhas, cascas, galhos, flores, frutos e sementes que são utilizados como remédios. Saberes que foram produzidos a partir da observação e interação com a natureza, e são compartilhados por raizeiras e raizeiros há muitas gerações.

O projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeiras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento/MT” desenvolvido pelo GEpte, dentre as ações desenvolvidas, realizou um mapeamento para identificar as benzedeiras e benzedores no Quilombo de Mata Cavalo. Mas, identificou também raizeiras e raizeiros naquela comunidade, que são os participantes do projeto de pesquisa “Guardiões e Guardiãs de Saberes Ancestrais e Práticas de Curas: Entre ervas e garrafadas” que

Realização





tem como objetivo geral compreender quais foram os mecanismos que garantiram que as sabedorias ancestrais de cuidado fossem construídas e compartilhadas entre raizeiras e raizeiros no Quilombo de Mata Cavalo.

Para a apreensão da realidade investigada, realizamos pesquisa de campo, utilizando-se de entrevistas, observação e interação, por meio da pesquisa participante. Segundo Brandão e Borges (2007, p. 54) a pesquisa participante deve

partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações - a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem inter-atuamos.

Buscamos evidenciar outras percepções de mundo, da natureza e de se relacionar com as diversas existências. De forma distinta do pensamento moderno ocidental, que desqualifica os saberes oriundos das experiências e vivências de diversos sujeitos em suas práticas cotidianas.

2 A produção da vida e a relação com a natureza

Segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 23), no “intercâmbio com a natureza, o ser humano produz os bens de que necessita para viver, aperfeiçoa a si mesmo, gera conhecimentos, padrões culturais, relaciona-se com os demais e constitui a vida social”. Cabral e Caetano (2020, p. 141), afirmam que “pelo trabalho instituem-se determinações cognitivas, valorativas, representativas comportamentais, consciência, crenças”.

Nessa perspectiva, Kuenzer (1995, p. 183), destaca que o trabalho é “a categoria que se constitui no fundamento do processo de elaboração do conhecimento”. Segundo a autora, “o saber não existe de forma autônoma, pronto e acabado, mas é síntese das relações sociais que os homens estabelecem na sua prática produtiva em determinado momento histórico” (idem).

Para a autora, nas atividades laborais, ao executar as tarefas, o trabalhador se defronta com questões que tem que resolver,

nesse processo, ele vai experimentando, analisando, refletindo, indagando, discutindo, descobrindo; e desta forma ele vai construindo um conjunto de explicações para sua própria ação, ao mesmo tempo que vai desenvolvendo um conjunto de formas próprias de “fazer”. Esse processo extrapola o âmbito do próprio trabalho, a partir das exigências que a vida em sociedade determina (Kuenzer, 1995, p. 183).



As pesquisas realizadas no âmbito do GEPTE, partem “do conhecimento acumulado pela área Trabalho e Educação e, em especial, no que tange aos processos educativos efetivados nos espaços cotidianos, onde os seres humanos (povos e comunidades tradicionais) produzem as suas existências” (Caetano, 2021, p. 257-258). No cotidiano vivido pelos povos originários, em comunidades tradicionais, quilombos, territórios indígenas, são produzidos saberes que dão sentido e organizam suas existências. São saberes que “se dão no fazer, no aprender a fazer e no ensinar a fazer, e sua ocorrência é intrínseca à produção da existência” (Caetano, Cabral e Brito, 2020, p. 289).

Albuquerque (2020), afirma que,

“os saberes são forjados no seio das próprias experiências humanas, entendidas estas como fundamentais para a produção e perpetuação da vida social [...]. Por meio dessas experiências, um conjunto de saberes e códigos são transmitidos e apreendidos, configurando-as como situações de comunicação e aprendizagem” (Albuquerque, 2020, p. 30-31).

Ramos (2019) Aponta que “a natureza é respeitada pelos povos e pelas comunidades tradicionais, que se sentem respeitados e supridos pela natureza. É uma relação de solidariedade e reciprocidade mútua (p. 60).

3 Os saberes sobre as plantas medicinais

A utilização de plantas medicinais no cuidado com a saúde é uma prática presente ao longo da história do Brasil. O uso de chás, xaropes, garrafadas, pomadas, compressas, banhos, feitos com folhas, cascas, galhos, raízes para aliviar alguma dor ou mal-estar é relatado em todo o país. Oliveira (1985), aponta a disseminação dessas práticas,

“a mãe usa chazinhos com o seu filho; a avó indica dieta à neta que acabou de dar à luz; o raizeiro manipula raízes de plantas para o diabético, para aquele que tem problemas no rim, fígado, pulmão, estômago ou na bexiga. No ato da benzeção, a benzedeira indica banhos, massagens e chás àqueles clientes que a procuram (Oliveira, 1985, p. 7-8).

Oliveira (idem), denomina de “profissionais populares de cura [as] benzedeiras, médiuns, raizeiros, ervateiros, parteiras, curandeiros, feiticeiros”. Mas essas denominações variam de acordo com o local e o processo histórico que estão inseridas. No nordeste brasileiro, são chamadas de meizinheiras as mulheres que produzem remédios “originados de plantas medicinais ou outros elementos de origem animal e mineral” (Araújo, 2016, p. 14).



Araújo (2016, p. 14), afirma que “a utilização de plantas medicinais contribuiu para construção de saberes ambientais e territoriais que carregam conhecimentos de ancestralidade, como através da confluência das matrizes étnicas indígenas, africanas e europeias”. Segundo a autora, “essas práticas populares de saúde constroem laços de solidariedade, responsabilidade social e pertencimentos culturais que permanecem, resistem à homogeneidade das investidas dos processos culturais globalizados” (idem, p. 15).

Silva (2020, p. 15), observa que diferentemente de senso comum, esses saberes são “baseados em experiências controladas e sistematizações reorganizadas de forma contínua, [...] se objetivam numa matriz de conhecimento que pode ser atualizada, refutada, acrescida, negada, reformada a partir dos usos e reformulações dentro desse processo”. Nesse sentido, Oliveira (1985, p. 17), afirma que isso se ocorre, por serem “práticas sociais, nascidas no meio de relações entre os homens, feitas por eles e como respostas às suas necessidades [...]. Por serem práticas fecundas e dinâmicas, elas são constantemente inventadas e reinventadas”.

Attuch, (2006, p. 45) destaca ainda, que é preciso perceber os saberes “não apenas como práticas mecânicas e idéias constituídas a partir de uma coletividade, mas como cosmologias, sistemas míticos, relações simbólicas e tradições de grupo”. Nesse sentido, considera que “a visão de mundo, a religiosidade, as concepções de natureza, sobrenatureza, do que é visível ou invisível, do que é sagrado e do que é profano constituem, de modo fundamental, tais sistemas de conhecimento (idem).

4 A produção de saberes pelas raizeiras e raizeiros

As raizeiras e raizeiros são identificadas(os) pela sabedoria que possuem acerca das plantas medicinais. Sabem reconhecer na natureza as folhas, galhos, cascas, raízes que precisam e, conseguem distinguir as características cada uma delas. Além de identificar, sabem onde, quando e como coletá-las, as formas de manipulação e preparo e suas indicações para cada tipo de males.

Para Dias e Laureano (2014), o caminho para o ofício de raizeira e raizeiro tem início com

a transmissão de conhecimentos tradicionais, provenientes principalmente de relações familiares, repassados por avós, mães, tias, entre outros, ou por meio do exercício de escuta junto de pessoas mais experientes. Este aprendizado é complementado e enriquecido com a participação das raizeiras em cursos, encontros, intercâmbios e pesquisas populares (Dias e Laureano, 2014, p. 13).



O compartilhamento dos saberes relacionados as práticas de cuidado começam “desde a mais tenra idade as crianças aprendem com os mais velhos a identificar as plantas, e podem inclusive auxiliar no trabalho com elas” (Caetano, Cabral e Brito, 2020, p. 290). Integram esse conjunto de saberes, a “relação afetiva com as plantas, ao conhecimento dos métodos de extração destas, à produção dos remédios e à prescrição, formando um conhecimento multifacetado” (Araújo, 2016, p. 80).

Hiluey (1999), afirma que o processo de aprendizagem,

por via de regra é transmitido através da família ou da vizinhança, mediante um processo de acúmulo de saberes que se enriquecem no decorrer de sua experiência, constituindo-se numa diversidade de habilidades que corresponde à capacidade de identificar e manipular as ervas, constatando suas benesses para o tratamento de determinadas enfermidades. Esta habilidade, aliada à capacidade de promover o diagnóstico das doenças, resulta no estabelecimento do “dom”, que implica na habilidade de identificar através dos sintomas do corpo e do espírito das pessoas o tipo de mal que as afligem. O “dom”, porém, não se apresenta como um saber acessível a todos que desejam adquiri-lo, pois corresponde a um privilégio a sua distribuição. O “dom” também não é homogêneo entre aqueles que o possuem, uma vez que uns possuem mais os atributos do “dom” do que outros. Entretanto, é inquestionável o fato de ser uma dotação de Deus a posse do “dom”, o que faz com que alguns em detrimento de outros sejam eleitos pela divindade para o possuir em e conhecerem a cura das doenças (Hiluey, 1999, p. 22).

As raizeiras e raizeiros que foram entrevistados(as) no Quilombo de Mata Cavalo relatam também que tiveram contato com os saberes sobre as plantas medicinais com familiares, mãe, pai, avós ou bisavós. Um dos raizeiros entrevistados afirmou que aprendeu com a mãe.

“Ela era parteira, fazia remédio pra, pra mulher de parto, ou filho, qualquer problema. Então eu ajudava a arrancar o remédio aí já ia me explicando, o remédio aqui pra tais coisas, esse é aqui é pra tal coisa, esse é pra tal coisa, esse é pra tal coisa, então, eu fui pegando tudo (raizeiro entrevistado).

Uma raizeira relatou que aprendeu com a mãe e a bisavó. “Aprendi muita coisa. [...] Eu ia com ela pegar, aí ela ia certinho no pé de arvoredo que gente não tinha noção. Falava pra ela, vó isso daí é mato, não minha filha, aqui é remédio (raizeira entrevistada).

Outra raizeira afirmou que aprendeu com a avó.

Eu aprendi eu estava com quinze anos. Ela me ensinava e falava pra mim, grava tudinho. Nesse tempo ninguém tinha leitura. Mas eu até hoje eu faço, eu faço um chá pra qualquer um bebe, faço. Pode beber que vai dá certo. Mas eu tenho tudo assim gravado. Aquela, aquela voz dela falando pra mim, faz o chá e dá pra pessoa (raizeira entrevistada).

Para Silveira (2016, p. 53), a utilização das ervas e plantas, “combinadas com várias fórmulas e aplicações, depende do conhecimento e da vasta experiência individual, bem como



do domínio de um amplo arsenal de saberes acerca das plantas, raízes, cascas e de seus modos de manipulação”.

Os remédios são preparados “tendo base um conhecimento tradicional, cujos raizeiros teriam herdado de seus pais, avós e/o outros familiares, através da oralidade” (D’almeida, 2018, p. 87). Araújo (2016, p. 81), afirma que a oralidade é a “prática educativa para continuar esse fluxo de saber milenar sobre as ervas medicinais”. Soares de Souza (2018, p. 26), observa que a presença da memória é muito importante, no que se relaciona aos saberes tradicionais, afirma que é preciso que haja os guardiões da memória para a continuidade de sua existência.

Uma raizeira e um raizeiro do Quilombo de Mata Cavalo relataram como se dá o processo para a produção dos remédios.

Então eu fui aprendendo muita coisa das pessoas assim, da minha ideia. Da ideia, não é dizer assim, chegar uma pessoa pra ensinar nós não. E eu pensava assim, minha vó falava pra nós fazer tal coisa, eu inventava fazer, eu falei, vou inventar fazer se sair bom eu continuo, assim eu fui fazendo, eu fui fazendo (raizeira entrevistada).

Até aprendi com minha mãe, depois outras coisas já foi a minha cadênciame mesmo né? [...] Então as vezes eu penso assim, tal coisa pode ser bom e eu vou lá e faço. Às vezes eu estou precisando de uma coisa. Eu estou assim quieto, esse aqui é bom, eu vou lá e faço pra mim. Aí eu sei, se eu melhorei com aquela coisa aí eu falo que aquele praquela dor, que naquele negócio foi bom, né? (raizeiro entrevistado)

Os saberes e práticas de cuidado são ancestrais, mas não se mantêm estáticos, já que, por meio do contato entre aquelas e aqueles que exercem a medicina popular, novos saberes são produzidos e compartilhados a partir das experiências de cada um e cada uma em seus ofícios de cuidado com a saúde. “Trata-se de saberes que continuamente se atualizam, podendo incorporar técnicas e novas informações sem perder o que os diferencia: uma certa relação entre as pessoas e das pessoas com a natureza” (Pantoja, 2017, p. 65).

Campos (2020, p. 124), observou a criatividade no ofício de raizeira na produção de novos remédios, “a partir das suas próprias ideias, o que caracteriza a aprendizagem que vivenciou como possibilidade para ela criar e não somente reproduzir o que aprendeu. Este potencial criativo, referente às aprendizagens vivenciadas”.

Segundo Araújo (2016, p. 141), “o uso de plantas medicinais é uma maneira de resistência cultural e social [...], estando esses sujeitos sociais conscientes disso ou não”. O repertório de saberes sobre as plantas e ervas medicinais que são usados por raizeiras e raizeiros nas práticas de cuidado são vivências de resistência à lógica do capital que torna a saúde uma determinação econômica almejando a obtenção de lucros. Diferentemente dos laboratórios, as raizeiras e raizeiros sabem “pra quem o remédio está sendo feito” (D’almeida, 2018, p. 92).



Segundo Dias e Laureano (2014, p. 31), “o preparo tradicional de remédios caseiros é um saber fazer de povos e comunidades tradicionais, considerado um ‘bem cultural imaterial’”.

8 Considerações finais

As atividades desenvolvidas pelas raizeiras e raizeiros são consideradas práticas de um ofício. Elas e eles trabalham ao identificar, coletar, preparar e indicar remédios (em forma de chás, xaropes, lambedores, garrafadas, pomadas entre outros preparados com plantas medicinais) para mitigar as doenças. Nesse processo, compartilham saberes que são ancestrais, e novos são elaborados.

Os saberes e práticas das raizeiras e raizeiros são aprendidas em um processo que envolve a observação e a prática, e a oralidade é a principal ferramenta desse compartilhamento. Saberes que não são restritos entre as raizeiras e raizeiros, mas são disponibilizados para todos, como relata uma das raizeiras entrevistadas: “sempre quando eu deparo com as pessoas eu ensino, porque a gente não pode ter conhecimento só pra gente né? Então, eu sempre quando eu posso estou passando né?”

Em oposição a um modelo biomédico que transformou o cuidado com a saúde em um negócio rentável e o desenvolvimento de uma indústria farmacêutica, onde os medicamentos são vistos apenas como mercadorias, importantes mais para o lucro, do que para a vida, observamos raizeiras e raizeiros que identificam e tiram da natureza as plantas medicinais, manipulam folhas, raízes, cascas, combinando-as ou não para torná-las remédios, que escutam as pessoas que buscam cuidados para suas enfermidades, dando-as atenção e indicando chás, xaropes, pomadas entre outros preparados para mitigar as doenças.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. de. Religião, Cultura e Educação: modos outros de ensinar e aprender. In: MACHADO, Edina Fialho. SILVA, Cristiano Pinto da. ALMEIDA, Fernando Octavio Barbosa de (Orgs.). **Pedagogias e sujeitos em conexão**. Curitiba: CRV, 2020. p. 23-44.

ARAÚJO, Bruna Dayane Xavier de. **Raízes da cura**: os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas Meizinheiras do Cariri cearense. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Centro de Ciências. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2016.



ATTUCH, Iara Monteiro. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado:** sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília. Brasília: 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, n. 1, 2007.

CABRAL, Cristiano; CAETANO, Edson. Produção Associada, Educação e Cultura do Trabalho: Produção da vida na comunidade tradicional São Manoel do Pari. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 133–147, 2020.

CAETANO, Edson. Ao lado dos povos e comunidades tradicionais: o GEPTe e a Epistemologia do Bem Viver. In: SÁ, Elizabeth Figueiredo de; ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire; RIBEIRO, Marcel Thiago Damasceno (Orgs.). **Memória, pesquisa e impacto social:** O percurso formativo do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMT. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021. p. 257-267.

CAETANO, Edson; CABRAL, Cristiano Apolucena; BRITO, Flávia Lorena. Bem Viveres: possíveis significados, virtualidades e limites presentes na produção da existência dos povos e comunidades tradicionais e assentamentos. **Revista da ABET**, v. 19, n. 2, p. 275-299, 2020.

CAMPOS, Louise Rodrigues. **Saber-fazer das (os) ervaíeras (os) no Ver-o-Peso:** contribuições à educação intercultural na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.

D'ALMEIDA, Sabrina Soares. **Guardiãs das folhas:** mobilização identitária de raizeiras do cerrado e a autorregulação do ofício. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. São Paulo: 2018.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. (orgs). **Protocolo comunitário biocultural das raizeiras do Cerrado:** direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional. Turmalina: Articulação Pacari, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. In: COSTA, Hélio da e CONCEIÇÃO, Martinho da (Orgs.) **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional.** São Paulo: CUT, 2005. p. 19-62.

HILUEY, Xênia Fernandes. A Procura pelas Ervas: Um estudo sobre as representações que incidem sobre o corpo, a doença e a cura entre os ervaíeros. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural). Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande: UFPB, 1999.

KUENZER, Acácia Zeneida. O trabalhador e o saber: repensando a relação Educação e Trabalho. In: _____. **Pedagogia da Fábrica:** As relações de produção e a educação do trabalhador. 4^a ed. rev. São Paulo: Cortez, 1995, p. 181-199.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.



RAMOS, Anatália Daiane de Oliveira. **A produção da existência do povo Puruborá, aldeia Aperoi - RO:** trabalho, produção associada, saberes, lutas e resistência. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

SILVA, Alexandre de Paula. **Raizeiros do Maranhão:** Saberes de cura e memória no uso das plantas medicinais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanas) Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró-RN: 2020.

SILVEIRA, Dayana Dar’c e Silva da. **Mulheres Curadoras e Saberes Terapêuticos-Mágico-Religiosos em Colares, Pará.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2016.

SOARES DE SOUSA, Joatan. **Saberes tradicionais dos remanescentes de quilombolas da Comunidade Umarizal** (Baião/PA). Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará. Belém: 2018.